

A GERAÇÃO REBELDE PÓS-1964

Jesualdo Cavalcanti Barros*

A máquina do tempo não pára mesmo. O encantamento dos primeiros momentos do regime implantado em 1964, marcados pela exaltação de valores patrióticos, morais e religiosos, tão caros à nossa gente, aos poucos daria lugar a uma profunda frustração.

Não sem motivo, inquietam-se classes sociais e setores políticos. Agrava-se a inflação. Iniciam-se o terrorismo urbano e a guerrilha rural. Forma-se a Frente Ampla, unindo Lacerda, JK e Jango. No Rio, realizam-se protestos pela morte do estudante Edson Luís e a passeata dos 100 mil contra o regime. Em São Paulo, são presos 920 estudantes no congresso da UNE em Ibiúna. Explodem greves por toda parte. A Câmara nega licença para processar o deputado Márcio Moreira Alves.

A ditadura, incapaz de encontrar as soluções prometidas para os graves problemas do País, limita-se a ampliar seus tentáculos. Sucedem-se os atos de força e as medidas de exceção, na vã tentativa de manter o poder avassalando as forças vivas da Nação. Crimes políticos passam para a competência da Justiça Militar. Os partidos são dissolvidos. É instituída a camisa-de-força do bipartidarismo. Torna-se indireta a escolha do presidente e dos governadores. Casas legislativas são lacradas. Repetindo Rui Barbosa, “a fera não se desfaz de devorar devorando”. Seu desesperado apetite não tem limites. Daí o AI-5 e quejandos, todos voltados para o garroteamento das liberdades públicas.

Enquanto o Brasil pegava fogo, os tombados de 1964, no Piauí, eram substituídos pelas novas lideranças que surgiam, sobretudo no meio estudantil. Interessante é notar que essa geração rebelde pós-1964, basicamente remanescente dos quadros da JEC e da JUC, agora abrigada na Ação Popular, gravitava em torno da Faculdade Católica de Filosofia, guardando, assim, íntima relação com a Igreja Católica. Quem outrora nos alcunhava de *comunistas* por defendermos reformas sociais passara, já se vê, por radical mudança. Num passe de mágica, muitas sacristias deixaram de ensaiar langorosos cânticos de louvor à “revolução redentora” e passaram a burilar contundentes palavras de ordem para animar as freqüentes passeatas

promovidas contra a ditadura. Eis o milagre da Teologia da Libertação: o feitiço virou contra o feiticeiro.

Foi marcante, nessa fase, a atuação de Antônio José Castelo Branco Medeiros, Diogo José Ayrimoraes Soares, Geraldo de Almeida Borges, Benoni Alencar Pereira, Evandro Setúbal Cunha e Silva, José Reis Pereira, Luiz Ubiraci de Carvalho, Luiz e Ribamar Nascimento, Marcos Antônio de Paiva Igreja, Odilon Pinto Filho, Samuel Alves Farias Filho, Antônio Ferreira de Sousa Sobrinho, Williams Cavalcante de Oliveira, Oswaldo Rocha, Manoel Ventura Campos dos Santos e João Rodrigues Pereira de Vasconcelos. Todos, como os tombados de 1964, amargariam cadeia e perseguições.

*(Divulgando o livro autobiográfico *Tempo de Contar*, a ser lançado em Bom Jesus, Corrente e Teresina)